

L'ORDRE / 1973

Um filme de Jean-Daniel Pollet

imagem (35mm, cor e preto & branco): Jean-Daniel Pollet, com a colaboração de Maurice Born e Malo Aguetant para a realização / *Argumento:* Maurice Born / *Montagem e som:* Maurice Born e Jean-Daniel Pollet / *Conselheiro médico:* B. Weber / *Com:* Raimondakis.

Produção: Les Laboratoires Sandoz / *Cópia:* DCP (cópia restaurada), versão original com legendas electrónicas em português / *Duração:* 43 minutos / *Estreia Mundial:* Paris, 5 de Março de 1975, conjuntamente com **Le Cochon**, de Jean Eustache e Jean-Michel Barjol / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca:* 2 de Novembro de 2004, no âmbito do ciclo "In Memoriam Jean-Daniel Pollet".

L'ORDRE é apresentado com KHANEH SIAH AST ("A Casa é Negra") ("folha" distribuída em separado).

L'Ordre é um filme que nasceu de uma encomenda, à qual Jean-Daniel Pollet aderiu de imediato. O realizador foi contactado pelos Laboratórios Sandoz, aos quais o escritor Maurice Born, que fizera um estudo sociológico sobre os leprosos, propusera um filme sobre Spinalonga: uma ilha ao norte da Creta para onde o governo grego, entre 1907 e 1957, mandou os leprosos, para que morressem esquecidos (Raimondakis, o leproso entrevistado, conta que ali passou trinta e seis anos, "sem ter cometido nenhum crime"). Quando **L'Ordre** foi feito, a Grécia estava em plena "ditadura dos coronéis", mas Pollet e a sua pequena equipa partiram "como um comando, fingindo que queríamos fazer um filme turístico. A rodagem durou apenas dez dias, entre a nossa partida de Paris e o nosso regresso". O filme foi feito na ilha onde os leprosos eram confinados e no hospital onde foram posteriormente tratados e onde alguns ficaram. Como observou Maurice Born, quando o poder político quis pôr os leprosos de volta ao mundo, eles não voltaram ao mundo. Do ponto de vista formal, o filme começa por "tomar o partido das coisas", com imagens de pequenas estradas e de fachadas de instituições. A presença do elemento humano está fora de campo e por isso mesmo é extremamente poderosa. Há inclusive trechos, como as janelas filmadas por uma câmara que se balança, semelhante à câmara subjectiva de um personagem numa cadeira de baloiço, que fazem eco às formas de **Méditerranée**. Mas logo irrompe o *parti-pris des hommes*, através da palavra de Raimondakis ("filho de advogado, do género intelectual", diz-nos Pollet), filmado em grande plano e em plano americano, de frente para a câmara. Conciso, rápido, veemente, Raimondakis fala em nome de todos os leprosos, com extraordinária lucidez. Evoca a resistência moral, a capacidade daqueles homens de organizar a vida, mesmo sabendo que foram mandados para aquela ilha para morrer. Mas também tem consciência da relação superficial e obscena que um escritor, um fotógrafo ou um cineasta podem ter com uma colónia de leprosos: "Infelizmente, até hoje todos nos traíram. Nenhum transmitiu aquilo que queríamos e que eles tinham prometido mostrar ao mundo. Cada foto era um engodo e cada legenda modificava as promessas que tinham sido feitas e nos traíam. Isto nos feria, porque uns mostravam compaixão e os outros, repulsa". Dirigindo-se a Pollet, a quem não negou o seu testemunho, acrescenta: "Não sei se vai transmitir a verdade ou se vai enfeitar com mentiras aquilo que filmou, para utilizá-lo quem sabe com que objectivos e com que ideias". Não sabemos se Raimondakis viu o filme e se o viu qual foi a sua opinião. Talvez concordasse que se trata de um filme excepcional sobre a resistência, cuja força se multiplica pela união do implícito e do explícito, que nasce da sua densidade formal.